

29 ECONOMIA

BRASÍLIA, DOMINGO, 18 DE JANEIRO DE 2009
 Editor: Raul Pilati // raulpilati.d@diariosassociados.com.br
 Subeditores: Eunice Pinheiro,
 Luciana Otoni e Sandro Silveira
 Tel. 3214-1148
 economia@correio.com.br

BOLHA GLOBAL

Economia segue rapidamente para a recessão. Mercado está dividido sobre o corte dos juros, fato que torna a decisão do BC mais difícil

Hora de reverter o pessimismo

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A pesar do consenso de que a taxa básica de juros (Selic) cairá na próxima quarta-feira, há muito tempo o mercado não se mostrava tão dividido quanto ao tamanho da queda que será sacramentada pelo Comitê de Política Monetária (Copom). As apostas vão de um corte de 0,5 ponto percentual até 1,5 ponto, o que tornará a decisão do Banco Central um marco. Tamanha discrepância tem um motivo: a cada novo indicador de atividade divulgado, seja da indústria, do comércio ou do mercado de trabalho, o que se vê é uma economia caminhando rapidamente para a recessão. "A expectativa é de que, com a redução dos juros, o BC consiga mudar os rumos. A diminuição da Selic terá a importante missão de reverter o pessimismo que travou a produção e o consumo", diz, coberto de razão, o economista Fábio Romão, da LCA Consultores.

Uma análise fria mostra que, apesar dos estragos provocados pela crise, o país continua com bons indicadores: a relação entre a dívida pública e o Produto Interno Bruto (PIB) está em queda, o superávit primário continua sendo cumprido sem traumas e, melhor, a inflação caiu, caminhando rapidamente para o centro da meta, de 4,5%, definido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). "O problema é que o psicológico tomou conta da economia", diz o professor Manoel Henriquez Garcia, da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (FEA-USP). "Diante de tantas notícias ruins vindas do exterior, espalhou-se a ideia de que tudo está perdido, que vamos de mal a pior. O resultado disso foi uma parada brusca na produção industrial e a suspensão do consumo, pois se passou a temer o desemprego", frisa.

"Ao sinalizar para os agentes econômicos que a política monetária será flexibilizada, o pessimismo tende a diminuir. Tanto as empresas quanto os consumidores se sentirão mais motivados a produzir e a comprar", explica a economista-chefes do Banco ING, Zeina Latif. Para ela, é vital que os juros em baixa destravem o que fez escassear e encarecer o crédito. Os bancos, acrescenta, estão com bastante dinheiro em caixa, mas não se sentem motivados a emprestar por desconfiança. Temem que um tombo acentuado do PIB acabe tornando ainda maior a onda de desemprego, o que, em última instância, acabará em calote. "Mas sem crédito as empresas não investem no aumento da produção e as famílias não consomem. Não há crescimento que se sustente", ressalta o economista-chefes da SLW Asset Management, Carlos Thadeu Filho.

Tombo no PIB

Até duas semanas atrás, os analistas davam como certo um corte de 0,5 ponto na Selic. Baseavam suas apostas no conservadorismo e no gradualismo que sempre pautaram o BC na condução da política monetária. Mas tudo mudou em uma velocidade impressionante. "Os dados recentes de atividade apontam para

uma desaceleração muito mais acentuada do que o esperado e sem a perspectiva de retomada no curto prazo", diz a economista-chefes do Banco Fibra, Maristella Ansaneli. Contudo, enfatiza ela, mais preocupante do que a queda do PIB no último trimestre de 2008, que pode chegar a 2% frente aos três meses anteriores — o maior tombo para um quarto trimestre desde 1991 —, é a ausência de sinais de alguma recuperação nos próximos meses.

Foi por isso que Maristella mudou sua projeção para a Selic. Agora, acredita em uma redução mínima de 0,75 ponto, mesma aposta do economista-chefes da MB Associados, Sérgio Vale, que faz um alerta desanimador: com a retração do PIB nos últimos três meses de 2008 e no primeiro trimestre deste ano, o Brasil estará tecnicamente em recessão. Será a sétima contração da economia brasileira em 20 anos e a 10ª em 28 anos. Isso significa dizer que, a cada 2,8 anos, o Brasil parou por pelo menos seis meses. "O que angustia é que vivemos o mais longo ciclo de crescimento em três décadas", emenda o economista-chefes do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal. Mas, apesar de reconhecer que o tombo atual da economia é preocupante, ele mantém a projeção de baixa de apenas 0,5 ponto.

Para ele, ainda há riscos inflacionários rondando o país, devido à alta de mais de 50% dos preços do dólar desde agosto do ano passado. Em algum momento, acredita Leal, essa valorização será repassada para os preços, revertendo o cenário benigno para a inflação. Esse argumento, por sinal, foi apontado pelo BC como o motivo principal para a Selic não ter caído pelo menos 0,25 ponto em dezembro. Na visão de Nilson Teixeira, economista-chefes do Banco Credit Suisse, tal risco foi enterrado pela forte queda dos preços das commodities (matérias-primas com cotação internacional) e pela forte contração do consumo, que elevou os estoques das empresas e está inibindo qualquer reajuste. Segundo Teixeira, a Selic deveria cair entre um e 1,5 ponto já, dando um choque de ânimo no país.

No entender de Gian Barbosa, economista da Consultoria Tendências, o corte da Selic deve ser forte e rápido, com os juros chegando a junho em 11%, de forma que, no segundo semestre, a atividade mostre reação. O presidente da Concórdia Corretora, Ricardo Amorim, vê espaço para que a Selic feche o ano em 10%. Esse é o desejo do presidente Lula, que está convencido de que o presidente do BC, Henrique Meirelles, cumprirá a promessa de baixar os juros o "máximo que puder" para minimizar os efeitos da crise e contribuir para que a meta de crescimento de 4% neste ano seja atingida. O entrave é que Meirelles não está nada satisfeito com o "fogo amigo" disparado nos últimos dias, que o colocou com um pé fora do BC às vésperas de ele se tornar o mais longevo comandante da instituição.

INDÚSTRIA

A produção industrial caiu 8,8% no acumulado de outubro e novembro e deve ter desabado 8% em dezembro em relação ao mês anterior. No acumulado do último trimestre, o recuo da produção pode ter atingido 8%.

COMÉRCIO

As vendas do varejo fecharam novembro com queda de 0,7%, segundo tombo consecutivo. Quando considerados os setores automobilístico e de materiais de construção, o tombo foi ainda maior, de 3,4%, fruto da escassez de crédito.

DESEMPREGO

O tranco na produção e a queda do consumo levaram a indústria e o comércio a demitirem. Estima-se que, somente em dezembro, foram fechadas mais de 600 mil vagas. A perspectiva é de que o índice de desemprego atinja 10% ao longo de 2009.

RAZÕES PARA A OUSADIA

O Banco Central deve deixar o conservadorismo de lado e anunciar uma queda maior da taxa básica de juros na próxima quarta-feira

INFLAÇÃO

Todos os indicadores de preços estão desabando. Os IGP's registram deflação desde dezembro, mostrando que a queda das matérias-primas (commodities) no exterior está mais do que compensando a valorização superior a 50% do dólar desde agosto.

RECESSÃO

As estimativas apontam para retração do Produto Interno Bruto (PIB) entre 1,9% e 2% no quarto trimestre de 2008. Se confirmada, será a maior retração para o período desde 1991. A economia deve encolher pelo menos 0,5% nos primeiros três meses de 2009.

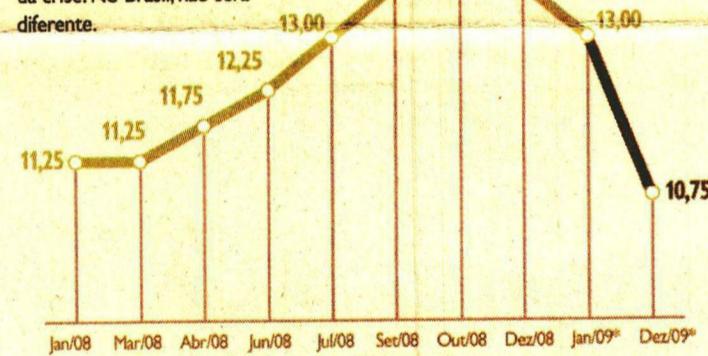
O PLACAR DO MERCADO

Quanto a taxa básica deve cair em ponto percentual

Analista	Previsão de queda
Nilson Teixeira, economista-chefes do Credit Suisse	1 a 1,5
Gian Barbosa, economista da Consultoria Tendências	1
Sérgio Vale, economista-chefes da MB Associados	0,75
Carlos Thadeu Filho, economista-chefes da SLW Asset	0,75
Vitória Saddi, economista da RGE Monitor	0,75
Maristella Ansaneli, economista-chefes do Banco Fibra	0,75
Newton Rosa, economista-chefes da Sul América	0,5
Zeina Latif, economista-chefes do Banco ING	0,5
Luís Otávio Leal, economista-chefes do Banco ABC Brasil	0,5

A EVOLUÇÃO DA SELIC (Em %)

Juros estão caindo em todo o mundo para minimizar os efeitos da crise. No Brasil, não será diferente.



(*): As estimativas consideram quedas de 0,75 ponto neste mês e de 3 pontos até dezembro

O QUE O BC ANALISARÁ NA REUNIÃO DESTA SEMANA

IPCA em 12 meses: 5,90% até dezembro

Dólar: R\$ 2,336

Petróleo: US\$ 35,50

Produção industrial: -5,2% em novembro

Vendas ampliadas do comércio: +4,0% em setembro

Taxa de desemprego: 7,6% em novembro

COMO ESTAVA A ECONOMIA NA REUNIÃO DE DEZEMBRO DE 2008

IPCA em 12 meses: 6,39%

Dólar: R\$ 2,498

Petróleo: US\$ 42,86

Produção industrial: -1,7% em outubro

Vendas ampliadas do comércio: +4,0% em setembro

Taxa de desemprego: 7,5% em outubro

